

A TÉCNICA MODERNA E O CORPO DO DESAFIO

ÉDEN SILVA PERETI*
ANA MÁRCIA SILVA**

RESUMO

Buscamos contribuir neste artigo para uma reflexão sobre a configuração da técnica moderna e algumas de suas influências na concepção hegemônica de corpo da contemporânea sociedade ocidental. Partindo dos rastros e relevos do processo de consubstanciação da Modernidade, pudemos identificar uma profunda virada de sentido em nossa concepção de técnica, a qual passou a se apresentar com uma postura básica de extração, domínio e desafio em relação à natureza, seja ela externa ou interna ao corpo humano.

PALAVRAS-CHAVE: modernidade – técnica – corpo – educação física

CICATRIZES DO VERBO

Quando olhamos para o corpo, podemos ver a história inscrita em nossa própria pele. Os passos e a memória de nossas existências estão talhados em sulcos e relevos indelévels em nossa epiderme. O tempo se inscreve e se eterniza ao romper tecidos, fundir poros e dispensar pêlos. Refletir sobre nossas cicatrizes é de fato mergulhar no tempo, deslizar em uma espiral que desrespeita qualquer linearidade e hierarquia entre passado, presente e futuro. As tatuagens disformes que escorrem por nossas peles nos confessam um presente passado e o passado de um presente, mas não os trazem como algo desgastado, distante ou absoluto, mas sim como presenças que a nós se insinuam com suas relatividades e suas densidades históricas, justificando assim o nosso próprio existir.

* Mestre em Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física. Departamento de Educação Física – CDS/UFSC.

** Professora doutora do Departamento de Educação Física – CDS/UFSC.

Um olhar para o passado neste contexto não busca, portanto, um refúgio nostálgico e romântico para descansar nossa angústia de não ser mais aquele “melhor” que supostamente fomos. No mesmo passo em que não se apresenta como um olhar cíclico que busca no ontem aquilo que deseja idealmente no seu porvir, em uma fatalista espera pelo “eterno retorno”. E, muito menos, se pretende saudosista e portador de uma luminosa redenção: a vinda de um futuro luminoso e radiante de paz e felicidade.

Em nossa perspectiva, olhar para as cicatrizes é pedir para o hoje colocar as mãos sobre suas raízes. É propor que olhos contemporâneos se projetem radicalmente nas origens de si mesmos, nos contextos, ações e opções que deixaram marcas na pele. Não para lamentá-los (apesar dos merecidos lamentos que alguns parecem receber), mas sim para colocá-los em outras perspectivas, buscando ressignificar suas encruzilhadas e bifurcações. Não para resignar-se pelo caminho não trilhado, uma vez que nunca saberíamos seus destinos, mas sim para aprendermos com a dúvida que precede o fugaz instante de uma opção: as férteis possibilidades que atravessaram o corpo e o caminho de uma civilização.

E assim, o recurso às nossas pegadas somente se apresenta válido no momento em que nos ajude a descobrir e a reinventar as possibilidades do hoje. Trazer do ontem as lições que contribuam de alguma forma para significarmos nossa realidade presente. Buscar os elementos que nos constituem e podem, em algum sentido, auxiliar no processo de reapropriação do presente a partir daquilo que ele nos oferece como possibilidade. E ali, onde esta não existir – nos hiatos e lacunas, inventá-la.

E é esta concepção que nos autoriza identificar que o mínimo de respeito que merece uma entidade denominada “conceito”, é justamente não privá-la de sua inteireza e historicidade, não desprezar os relevos e cicatrizes de sua pele, os processos vividos e eternizados pelo tempo em seu corpo. Trazer à superfície do hoje as profundas raízes de um conceito nos obriga a um inevitável instante de reflexão sobre suas origens, suas transmutações internas, seus sentidos mutáveis e orgânicos, até chegarmos ao núcleo e à periferia de seus entendimentos contemporâneos.

Um conceito, por mais abstrato que a nós se apresente, caminha junto, seja em sintonia ou em descompasso, com sua própria dimensão empírica, a qual empresta sua concretude ao mesmo no momento em que o materializa de alguma forma em nosso cotidiano. E no instante

que assim o faz nos abre a rica possibilidade de tocá-lo, ressignificá-lo, reelaborá-lo, reinventá-lo... ou até mesmo (uma vez que estamos no campo das possibilidades) somente observar suas contradições e texturas, deixando-o intacto, apesar de concreto.

Se partirmos da afirmação de Denise Sant'Anna (1995, p. 17) em que “falar do corpo é abordar o que se passa, ao mesmo tempo, fora dele; mas o inverso também é válido”, passa a ser impossível compormos um discurso ou uma prática sobre o corpo humano contemporâneo ausentando-nos de um olhar mais cuidadoso sobre o corpo das estruturas da atual sociedade que o configura. Sociedade esta que sobrevive arrastando-se agonizante sob as égides de um capitalismo tardio e, por isso mesmo, carrega em suas maltrapilhas vestes as duras marcas de sua trajetória.

Em princípio, o corpo de uma sociedade também carrega suas cicatrizes. Estas marcas profundas, e por vezes eternamente abertas, são tecidas pelos inúmeros movimentos sociais, políticos, econômicos, artísticos e filosóficos que convergem e divergem entre si, pulsando, animando, ferindo e marcando a pele da história. O corpo da sociedade se impõe e constrói o corpo do indivíduo a partir de seus padrões, concepções, conceitos e paradigmas, no mesmo passo em que o próprio corpo-indivíduo edifica no cotidiano de seu trabalho, de sua dor, de seus lazeres e de seus prazeres, a dinâmica interna do corpo da própria sociedade. Inaugura-se, assim, um artesanal movimento no qual o próprio corpo é modelado pelo barro e pela mão que, paradoxalmente, ele mesmo moldou.

Portanto, se buscamos uma discussão e problematização sobre a concepção hegemônica de corpo atualmente em nossa sociedade, passa a ser fundamental uma análise mais atenta sobre o contexto em que vivemos e a atuação dos atores protagonistas ou coadjuvantes deste gigante processo. Mas são o cuidado e a curiosidade que nos sugerem, como num esforço conjunto, uma insistente busca por suas raízes e percalços.

MODERNIDADE, TÉCNICA E RAZÃO

Enquanto representarmos a técnica como instrumento, permaneceremos presos à vontade de dominá-la. Passamos pela essência da técnica.

(Heidegger)

As transformações paradigmáticas que configuraram a Modernidade, de certa forma, foram mediadas e protagonizadas pelo superdesenvolvimento da técnica através do processo de revolução científica que atravessa o século XVII. Uma desmedida hipertrofia que acaba premiando-a na contemporaneidade com uma relativa autonomia em seus processos internos de existência e potencialização, a ponto de alguns pensadores contemporâneos denominarem a nova sociedade em que vivemos de “tecnopolis” (GALIMBERTI, 1999, p. 1) ou “tecnocosmos” (HERRERO, 1988, p. 133).

A técnica apresenta-se, portanto, como um conceito fundante da moderna civilização ocidental, e o faz muito menos como abstração impalpável do que como realidade empírica, servindo como verdadeiro motor do desenvolvimento e da perpetuação de toda uma cultura; como uma dimensão fundamental na composição das estruturas e lógicas internas das instâncias que constroem os valores, significados e realidades dessa nossa sociedade que se esparrama pelo ocidente do mundo.

Estes poucos indicativos de sua essencialidade na configuração de nosso contexto atual já nos autorizam a deter um pouco mais nossa atenção sobre este fenômeno chamado técnica. Debruçarmo-nos sobre seu corpo em busca de alguns possíveis entendimentos e aproximarmos de sua pele, tocando suas cicatrizes, para assim tentarmos retirá-la do pedestal onde se encontra, no momento em que nos propomos ressuscitar as origens, os percalços e as encruzilhadas de sua trajetória no interior da própria humanidade.

A técnica, mais além de ser apenas um meio pelo qual se chega aos fins, ou mesmo de mero fazer do homem, apresenta-se como forma de fazer algo aparecer, um modo de agir que leva a um desocultamento daquilo que é no núcleo das coisas e que até então não se apresentava. Para Heidegger (1997, p. 53), a técnica apresenta-se, nas raízes de sua essência, como um “modo de desabrigar”.

Ao olharmos com um pouco mais de cuidado, poderemos perceber que técnica é o conceito contemporâneo que emerge à superfície para nomear um gigantesco e profundo processo, engendrado pelas dinâmicas sociais e históricas, de diminuição, segmentação e reelaboração daquele saber que outrora os gregos denominavam *techné*. Um saber que em sua noção clássica, referia-se ao saber acerca da natureza, das coisas e de si mesmo. “Em sua dimensão originária, a técnica não é o conhecimento de regras e modos de procedimento visando à finaliza-

ção de um produto, mas o saber da realidade em geral” (CAVALCANTI, 1988, p. 93).

Techné, em seu sentido primeiro, aproxima-se de um saber sobre a realidade em geral, mas ao mesmo tempo se difere da clássica sabedoria (*sophia*), apesar de perceber-se inserido na mesma. *Techné* caracteriza-se, em princípio, como o “saber do reconhecimento”, justamente na ambigüidade do entendimento deste conceito: um saber do reconhecimento no “sentido de *fazer o reconhecimento de uma área*, isto é, de um saber preliminar que deixa aparecer o próprio do lugar para então proceder e habitar” e no sentido “de *reconhecer um gesto, agradecer*” (CAVALCANTI, 1988, p. 93).

Nesta perspectiva, o reconhecimento nos soa como uma postura ativa na busca por uma compreensão da dimensão íntima da coisa. Aqui, o reconhecimento de algo nos parece uma atitude humilde, uma reverência ou agradecimento ao simples (e complexo) fato da existência da coisa. E, ao mesmo tempo, nos chega como uma atitude digna e honesta, pois antes de “proceder e habitar” sobre esta coisa, há uma busca respeitosa por uma compreensão de suas dinâmicas internas, seus limites e suas possibilidades; há o espaço onde se dá o “saber preliminar que deixa aparecer” a própria coisa, é dizer, há o espaço onde, antes de se apropriar e intervir sobre algo, é perguntado e permitido à própria coisa a manifestação de sua dinâmica interna.

Nesta direção, a acepção grega de *techné* não se perde em um saber sobre a realidade em geral, mas inclui em seu entendimento o fazer artesanal de instrumentos, objetos e utensílios, e aquilo que nós chamamos de arte – no sentido das *belas-artes*. Poderíamos assim dizer que arte e técnica, na radicalidade de suas origens, não se apresentam díspares, contraditórias ou mesmo distantes, mas sim celebram a interdependência que as principia. Ambas possuem, portanto, ligações fundantes e viscerais, e encontram suas raízes na relação que o humano constrói com sua própria dimensão corporal, encontrando na carne, nas vísceras do corpo humano, o princípio e o meio de suas existências.

Techné – arte e técnica – enquanto um saber do reconhecimento, enquanto uma dimensão produtiva do humano, pertence ao movimento do “fazer aparecer”. Movimento este que encontra o núcleo de seu significado junto à *poiesis*: poesia, não como gênero mas como dimensão do mundo. E se pensarmos a *poiesis* como expressão do “fazer aparecer segundo a medida do reconhecimento”, esboçaríamos aqui a permissão

para questionarmos as raízes de um conceito sobre algumas opções e (des)caminhos de suas trilhas (CAVALCANTI, 1988, p. 96).

Quando nos debruçamos sobre sua longa caminhada, podemos perceber o processo histórico que configurou a era Moderna como uma fundamental encruzilhada, uma vez que trouxe em suas costas novos paradigmas culturais para uma emergente sociedade ocidental. Lideradas pela revolução científica e seus desdobramentos, as inúmeras rupturas paradigmáticas se espalharam pelas muitas instâncias da realidade cotidiana, coordenando o apogeu de um processo de desencantamento do mundo, no qual foi possível o afloramento da exclusividade da matéria, bem como a proliferação da ciência e da razão instrumental.

É neste contexto que Francis Bacon pôde entoar o lema fundador da ciência moderna: “saber é poder”, inaugurando um novo projeto de dominação da natureza, no qual o humano passou a se apresentar em uma postura básica de distanciamento e domínio sobre a mesma, seja à sua “natureza orgânica ou inorgânica” (MARX, 1964, p. 163).

A ciência e a técnica, glorificadas como veículos automáticos do progresso, abrem e estruturam o caminho para a tão desejada emancipação do humano com a natureza externa, percebendo-a não mais como algo vivo e latente, enlaçado organicamente à sua própria constituição, porém a concebe como uma matéria inerte e homogênea, como um simples objeto submetido a relações físicas e matemáticas, compostas, criadas e atribuídas a ele por um sujeito todo-poderoso.

E é este indivíduo que aparece como elemento referencial das diferentes linhas e perspectivas do pensamento ocidental, nascidas a partir do século XVII, que tendem agora a compreender a própria razão como uma de suas capacidades particulares, uma “faculdade ou capacidade do espírito”, inaugurando uma “razão subjetiva”, a qual acaba por se limitar, no decorrer de sua existência, a uma faculdade de operação lógica, com seus processos internos de sistematização, dedução e cálculo.

Esta outra perspectiva faz com que a própria razão renegue as matizes “objetivas” de sua origem – na qual encontrava-se inserida no mundo e de onde podia funcionar como critério de verdade para os pensamentos e ações do indivíduo – e passe assim a se decompor e restringir somente ao sujeito humano, o ser consciente, ao isolado indivíduo (BICCA, 1988, p. 84).

Alimentado por estas novas perspectivas filosóficas, o humano realiza e assiste ao empobrecimento da compreensão sobre a própria razão, em sua dimensão conceitual e empírica, uma vez que esta caminha, a largos galopes, para sua redução a um entendimento estritamente instrumental.

A característica decisiva desta instrumentalização da razão – onde o pensamento é rebaixado a um simples meio a serviço de iniciativas que podem ser boas ou más – é seu uso segundo um método rigoroso, conduzindo a um crescente sistema – cada vez mais minucioso e aperfeiçoado – de saber objetivante (BICCA, 1988, p. 86).

A racionalidade instrumental que então surge, empresta rapidamente suas dinâmicas internas às múltiplas dimensões da existência do humano, tornando-se uma eminente onipresença. É então que a lógica pode se superpor à *techné* dando os novos tons que determinariam uma fundamental ressignificação, uma verdadeira virada de sentido, onde “a técnica e seu modo de reconhecimento dão lugar à lógica e seu modo próprio de esclarecimento e realização” (CAVALCANTI, 1988, p. 94).

E assim, a técnica moderna se faz instrumental, agigantando-se no útero de onde proveio, até o momento em que força a implosão da unidade representada até então pelo entendimento de *techné*. É neste momento que a técnica instrumental pode se sobrepor à arte, cindindo a imbricada relação que até então as premiava, revelando no interior de sua nova proposta uma obscurecida distinção onde se parece ter “depositado na técnica a tarefa paradigmática de afrontar o mistério pela via da construção do funcionamento da realidade e, na arte, a tarefa de resguardar a lembrança do misterioso” (CAVALCANTI, 1988, p. 97).

Cindidas e dicotomizadas, arte e técnica, agora seguem caminhos com passos paralelos que se interpenetram e entrecruzam no percurso de nossa sociedade. A arte, ao renunciar-se como possibilidade de conhecimento, abre um gigantesco espaço para sua apropriação pelas lógicas de funcionalidade e de mercadorização, onde potencialmente se reduz a um mero e material produto de troca e mais valia. E uma vez despida de suas radicais dimensões de sentido e significado, pode reduzir-se e aproximar sua existência a de um simples “ornamento do capital” (GALIMBERTI, 2003, p. 4).

Já a técnica, enquanto forma principal de mediação das relações do humano com o meio circundante, encontra justamente neste contexto de ebulição científica o alento fundamental para transmutar-se no conceito contemporâneo denominado *tecnologia*: técnica e lógica – a fusão de dois conceitos que passam a alicerçar a edificação de toda uma sociedade (CAVALCANTI, 1988, p. 94).

Em um entendimento contemporâneo, a tecnologia aparece divorciada da perspectiva que a considerava apenas como recursos instrumentais que facilitavam o trabalho e a vida do humano, e possibilitavam a liberação de sua energia e de seu tempo para outras práticas; e acaba se oferecendo como eixo fundador de todo um complexo sistema técnico-científico onde passam a se inserir os sujeitos humanos e suas relações. A sua própria subjetividade, seus modos de pensar e sentir, passam a ter as estruturas fundantes influenciadas e configuradas pelas dimensões da funcionalidade e da eficiência.

Para Heidegger (1997, p. 57), quando a técnica se faz moderna, passa a apresentar uma fundamental transformação onde desdobra o seu movimento originário de “fazer aparecer” não mais como um “levar à frente”, um desocular aquilo que é, mas sim como um “desabrigar”, onde impera um “desafiar” que sucumbe e exige as energias da própria natureza.

O humano passa então a “pôr” a natureza em situação de desafio e, na medida em que ele cultiva esta dimensão da técnica, constrói um desafio que acaba reunindo-o em um modo de desabrigar pautado na dimensão de um “requerer”, em um “exigir” que extrai, traga e suga. E assim, esta nova postura acaba não deixando espaço senão para um desabrigar do real limitado à condição da “subsistência”,¹ uma vez que tem como princípio básico de interação este novo “pôr” que desafia.

Onipresente e fundamental, a técnica contemporânea conquista diante da humanidade uma relativa autonomia na criação de suas próprias leis e dinâmicas internas, adquirindo um tal grau de auto-referencialidade que a liberta de condicionamentos e a põe quase como “absoluta”.² Contudo, este poder intrínseco de potencializar-se a si mesma, esta ilimitação da potência da técnica, em princípio não aparece necessariamente no plano empírico da vida, mas sim, em grande parte, em suas próprias entranhas, na sua viva lógica interna (HERRERO, 1988, p. 139).

Assim sendo, podemos perceber que os inegáveis avanços da tecnociência, paradoxalmente, sustentam e são sustentados inerentemente por uma “ética da técnica”,³ de onde nasce e se estende um contexto cujo princípio único e imperativo dita que tudo aquilo que é tecnicamente factível deve ser realizado, sem margens nem sobras (GALIMBERTI, 2003, p. 3).

CORPO DO DESAFIO

Os preceitos que atravessam a técnica moderna e sua inerente racionalidade instrumental apresentam aqui, imperativamente, uma quase exclusividade de critérios de eficácia e funcionalidade nas referências do humano contemporâneo. Conseqüentemente, por não estar descolada deste mesmo contexto, a relação que ele estabelece com sua dimensão corporal também é influenciada fortemente pela lógica interna destes critérios.

Caso partamos do pressuposto de que a maioria dos educadores⁴ que intervêm no processo de mediação dos cidadãos com suas dimensões corporais, advém de uma área de intervenção científica denominada Educação Física (ou ao menos a tem como referência), seria então necessário nos determos com mais cuidado nas lógicas que fundamentam e estruturam esta área de formação, bem como suas concepções e conceitos.

Coerentemente com os preceitos fundadores da ciência e da técnica moderna, a qual tem como um dos princípios estabelecer condição de desafio para com a natureza, esta área específica de intervenção científica sustenta-se sobre uma condição de desafio diante da natureza interna do próprio humano: o corpo. Assim, vetores de força, retas e setas somam-se aos mapas de tubos, vigas e redes de tecido que (de)limitam, definem e dominam o ser humano no interior das múltiplas e caras disciplinas biológicas que ajudam a compor a concepção hegemônica de corpo na área de Educação Física.

O trato com a dimensão corporal pautada sob esta lógica do desafio e mediada por critérios de eficácia e funcionalidade, através de inúmeros caminhos, acaba se “naturalizando” e orientando de forma hegemônica o vocabulário, as dinâmicas internas e os objetivos das práticas sob responsabilidade de tais educadores. Práticas estas que, por muitas vezes, acabam não se questionando sobre seus fins e suas trilhas.

Práticas estas que acabam por legitimar e, em certa medida, estimular uma busca cega pela suposta “perfeição” de um corpo.

Um corpo que, embebido pelas dinâmicas internas de um capitalismo tardio, encontra-se inserido no moderno mundo do desafio, da eficácia, da funcionalidade e da produtividade, podendo assim somente se aproximar de uma perfeição no momento em que se encontra com a rigidez e os desconhecidos volumes de seus músculos, com a ausência de suas “improdutivas” gorduras, com a amnésia de sua pele – agora lisa e bronzeada, sem rugas, cicatrizes e memórias; e com a ingestão matemática e balanceada de porcentagens, fórmulas e números, e não mais do sabor e do alimento.

Abre-se aqui, portanto, espaços e sobras para que esta busca pela “perfeição” percorra caminhos que, logo de início, já se apresentam obscuros e perdidos, tais como o lamentável caso, noticiado há alguns meses pelos jornais⁵ do Brasil, dos seis jovens do estado de Goiás que injetaram em suas próprias veias uma substância anabolizante para engorda de gado, proibida no Brasil.

Atados pelas suas limitações sócio-econômicas e por uma busca insana por músculos e aparências, estes rapazes não trazem aos olhos da sociedade apenas a existência de um fragmento do desmesurado mercado informal de produtos e serviços para intervenções profundas no corpo humano – sejam cirurgias, implantes, tráfico de órgãos ou mesmo as incontáveis substâncias químicas que alteram a fisiologia e as formas corporais; mas também revelam o interior de uma dura lógica que se construiu nos ossos de nossa civilização. Desvelam as cicatrizes que se espalham e tecem o pano de fundo das estruturas, conceitos e paradigmas do Ocidente Moderno.

Ainda atônitos e indignados diante da atitude desses rapazes, podemos nos apoiar nos poucos fios de lucidez que nos restam e questionarmo-nos sobre quais seriam os sonhos e objetivos que os conduziram a tal gesto? Talvez tenham sido seus desejos por força e rapidez. Talvez, com outros nomes, “boa aparência”, funcionalidade e eficácia. Talvez desejassem “adquirir” um corpo forte e musculoso, mas para tanto o queriam de uma forma rápida e simples. Talvez tenham assim se perdido no interior de uma falsa promessa: uma pequena injeção e poucos minutos, ao invés de meses de suor, esforço, dinheiro e aparelhos.

Neste instante, contudo, ao invés de nos perdermos em fatalistas lamentos, talvez seja mais válido concentrarmo-nos na busca pela

construção de horizontes mais amplos, e alimentarmos alguns questionamentos em busca dos verdadeiros responsáveis por tal falaciosa promessa. E quando assim o fazemos, nos parece mais relevante nos perguntarmos radicalmente se o único responsável por tal promessa é de fato aquele indivíduo que lhes dirigiu a palavra.

Em muitos sentidos, ajudamos a construir paradigmas, conceitos e contextos que legitimam, embasam e estimulam, por vezes de forma mais explícita que outras, uma busca infeliz e insana por uma perfeição-pingente, por um corpo padronizado, senhor de músculos grandes, torneados e definidos, independentemente se os caminhos para ele sejam trilhados baseados no exato contrário daquilo que supostamente se prega: “saúde e qualidade de vida”.

Nossa sociedade ocidental – erigida sobre as dinâmicas internas de uma recente revolução científica, baseada na hipertrofia de uma racionalidade instrumental e entremeada pelas lógicas de uma economia capitalista, acaba construindo uma concepção de saúde que se esconde atrás da imagem de um corpo reduzido a um conjunto de músculos bem definidos e torneados, cobertos por peles tostadas e lisas. Um corpo pretensamente saudável, legitimado e reforçado pelas limitadas concepções e atuações de nossos educadores físicos. Um conceito de “saúde” que habita as aparências; habita um corpo que transmite através de sua imagem um potencial de produtividade, assepsia e longevidade. Um corpo que, apenas através de suas formas e texturas, nos fazem esquecer – ou ao menos projetar um desejo de afastamento – do tempo, da velhice, do peso, da gordura, da dor, das dificuldades, das diferenças, da finitude e da morte.

Um corpo-casca, que acaba afastando, ou ao menos transformando em secundária importância, os caminhos e descaminhos que atravessam o processo de sua configuração. Caminhos estes que tranquilamente deixam inúmeros e “distraídos” espaços para inserção, consumo e ingestão de substâncias catalisadoras e estimulantes.

As fórmulas químicas e matemáticas que compõem estas substâncias, bem como a racionalidade instrumental que as preside, encontram sua justificativa, a razão de sua existência, em um olhar racionalista – também químico, matemático e fisiológico – sobre a configuração do corpo. Em outras palavras, poderíamos dizer que uma concepção de corpo que reduz e define o ser humano a um mosaico de fibras, veias, órgãos, redes e líquidos, acaba por legitimar, estimular e possibilitar

intervenções profundas na química deste organismo, desprovidas de qualquer preocupação ética.

Não cabe aqui negarmos as infundáveis conquistas e avanços que obtivemos no campo da saúde e das ciências biomédicas com as contribuições e propostas advindas desta concepção específica de corpo humano. Mas reconhecê-las e legitimá-las no momento em que buscamos lhes emprestar limites e dimensões sobre os quais ela pode debruçar-se, questionar-se e propor outros caminhos. É talvez não fazer a injustiça de lhe tirar a possibilidade do espaço da autocrítica. É, em certa medida, permitir-lhe o movimento e a vida.

Ao percebermo-nos limitados a máquinas físico-químicas, nada mais coerente que permitirmo-nos pensar em intervenções e manipulações em nossas engrenagens, tubos e fluídos. Nada mais admissível do que a possibilidade de somar substâncias e subtrair processos. Nada mais justo e coerente que a possibilidade de injetar uma substância anabolizante em nossas veias para modificar a configuração interna de nossos músculos. Nada mais coerente. Nada mais estúpido e coerente com a “ética da técnica” moderna, com os preceitos, critérios e valores de desafio, funcionalidade e eficácia que atravessam os fundamentos de nossa cultura moderna.

Desejar um corpo aparentemente “forte e saudável” no menor tempo possível, não é um sonho particular de um ou outro indivíduo sem acesso a alguns conhecimentos específicos e algumas possibilidades sócio-econômicas, mas sim um sonho, historicamente construído, impingido a todos os integrantes de nossa cultura.

A concepção de corpo que subjaz e sustenta as lógicas fundamentais da cultura construída pela civilização ocidental moderna apresenta um corpo-máquina, um corpo que encontra valor e significado unicamente nas texturas de sua aparência; um corpo símbolo de produtividade e, também por isso, passível de consumir e transformar-se em mercadoria em um sistema capitalista.

Um corpo que permite injetar nas próprias veias a rapidez e a potência, mesmo que ambas carreguem consigo a latência de uma obscura morte. Talvez, no limite, cheguemos ao ponto onde encontraremos consolo e alento ao pensarmos que, nas margens da (in)coerência, ao menos nossos cadáveres serão grandes, musculosos e “saudáveis”.

□

THE MODERN TECHNIQUE AND THE BODY OF DEFIANCE

ABSTRACT

Here we objectify to contribute with a reflection about the configuration of the modern technique and some of its influences in the hegemonic conception of the body inside our occidental and contemporaneous society. Starting with clues and relevancies of the process on Modernity's consolidation, we can identify an important change in the meaning of our technique conception, which has turned into a basic posture of extraction, domination and challenge of nature, be it external or internal to human body.

KEY-WORDS: modernity – technique – body – physical education

LA TÉCNICA MODERNA Y EL CUERPO DEL DESAFÍO

RESUMEN

Aquí buscamos contribuir con una reflexión sobre la configuración de la técnica moderna y algunas de sus influencias en la concepción hegemónica del cuerpo dentro de nuestra sociedad occidental contemporánea. Partiendo de los rastros y relieves del proceso de consolidación de la Modernidad, pudimos identificar un profundo cambio en el sentido de nuestra concepción de técnica, la cual pasó a presentarse con una postura básica de extracción, dominio y desafío de la naturaleza, sea ella externa o interna al cuerpo humano.

PALABRAS-CLAVE: modernidad – técnica – cuerpo – educación física

NOTAS

- ¹ Para Heidegger (1997, p. 61), este conceito “significa nada menos do que o modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar desafiante se essencializa”.
- ² Expressão derivada do latim “*solutus ab*: livre de qualquer relação” (GALIMBERTI, 1999, p. 7).
- ³ Apesar de não compartilharmos a possibilidade da existência de uma “ética da técnica”, uma vez que nos parece impossível algo pre-determinado ser ético, ainda acreditamos que a energia expressiva do termo cunhado por Galimberti pode nos aproximar da imagem e da força do atual contexto tecido pela técnica moderna.
- ⁴ Trabalhamos aqui com o conceito “educador” no intuito de explicitar uma concepção que considera fundamental a importância da dimensão educativa na atuação dos profissionais formados na área

de Educação Física, independente do local onde os mesmos desenvolvem seus trabalhos.

- ⁵ *Jornal Hoje*, Rede Globo de Televisão, 9 de setembro de 2004: “O desejo de ficar mais forte levou Jacson Vieira (21) e cinco amigos, a injetarem no próprio corpo doses de um esteróide anabolizante. ‘Ele se sentia feio, magro. Foi tudo por vaidade, querendo ficar bonito’, diz sua tia. O que eles não sabiam é que o produto só incha o músculo. ‘Na hora, eu tinha 29 centímetros de braço, foi para 34’, diz um dos jovens. Depois do susto, os amigos só pensam em alertar quem, como eles, procura atalho para chegar a um corpo bonito e saudável. ‘[...] vão para a academia, se alimentem bem e, se demorar quatro, cinco anos, esperem para adquirir o músculo, porque esse remédio mata e a gente não morreu de sorte””.

REFERÊNCIAS

BICCA, L. O alcance da crítica da racionalidade instrumental. *Revista Filosófica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 83-90, 1988.

CAVALCANTI, M. Arte e técnica. *Revista Filosófica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 91-100, 1988.

GALIMBERTI, U. A emergência tecnológica e a passagem da cosmopolis para a tecno-polis. Trad. Selvino Assmann. Original em *Psiche e techne. L'uomo nell'età della tecnica. Introduzione*. Roma: Feltrinelli, 1999. p. 33-46. (mimeo)

_____. A ética na idade da técnica: entrevista com Caterina Falomo. Trad. Selvino Assmann. Milano: Feltrinelli, 2003. Disponível em: <<http://www.lacritica.net/galimberti.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2003.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Cadernos de Tradução*, São Paulo, n. 2, p. 40-93, 1997.

HERRERO, X. O homem e a técnica contemporânea. *Revista Filosófica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 131-145, 1988.

MARX, K. O trabalho alienado. In: FROMM, E. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964. p. 157-172.

SANT'ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

Recebido: 31/03/2005
Aprovado: 01/06/2005

Endereço para correspondência:
Departamento de Educação Física – CDS/UFSC
Campus Universitário, Trindade
Florianópolis/SC
CEP 88040-900
E-mail: edenpereti@hotmail.com
anamarcia@cds.ufsc.br

